



**MICHAEL MARDER**

Professor de filosofia na Universidade do País Basco, em Vitoria-Gasteiz, é autor do livro *The Event of the Thing: Derrida's Post-Deconstructive Realism*

## Pelo amor de Nova York

A magia de uma metrópole se deve ao encanto de certas áreas que, milagrosamente, condensam o todo enquanto escondem do olhar dos visitantes as facetas mais incômodas

**A**s pessoas confessam seu amor pelas cidades o tempo todo, em toda parte: em camisetas e bonés, em adesivos no para-choque dos carros e até em garrafas de água. Mas nada parece superar o “I ♥ NY” — talvez uma das campanhas de marketing mais bem-sucedidas de todos os tempos para promover o turismo.

Mas o que significa exatamente amar uma cidade? Será que os amantes contemporâneos de uma megalópole como Nova York sentem afeição por cada um de seus milhões de habitantes? Por todos os prédios, pelas ruas congestionadas, pelas vias rápidas e pelos sistemas de esgoto que formam sua infraestrutura? Será que amam a Big Apple como um todo? As possibilidades aparentemente infinitas de entretenimento que a cidade oferece? O sentimento de estar no lugar certo no momento certo, como em Times Square na véspera do Ano-Novo?

Quando manifestamos nosso enlevo por uma cidade, provavelmente estamos acalentando uma imagem idealizada dela. A feia realidade da vida urbana diária é desconsiderada ou passa absolutamente despercebida: poucos turistas visitam o Bronx ou o Queens, esses mundos paralelos que são praticamente isolados do glamour de Manhattan. Confessar nosso amor por uma cidade é conjurar uma utopia, um objeto de afeição que na realidade não existe.

É assim que marcos facilmente reconhecíveis — como o Empire State Building, a ponte do Brooklyn etc. — adquirem um significado maior do que a vida. Essas partes privilegiadas da cidade ocupam o lugar do todo numa substituição



Guarda-chuva estampa declaração de amor a Nova York: uma das mais bem-sucedidas campanhas para promover a cidade

ANDY WEISZ/GETTY IMAGES



ALAN SCHEIN Photography/Corbis/Latin Stock

**Times Square, na região central de Manhattan: a festa da virada do ano tradicionalmente atrai centenas de milhares de pessoas que buscam a sensação de estar no “centro do mundo”**

que permite o processo de idealização. Nova York “é” o Chrysler Building e “foi” as Torres Gêmeas. O sentimento mágico de estar lá se deve, em certa medida, ao encanto dessas partes que, milagrosamente, condensam o todo enquanto escondem da vista as facetas mais incômodas da cidade. Uma pessoa sabe que está em Nova York quando capta um vislumbre dos topos imponentes dos edifícios Empire State e Chrysler. O resto não importa.

Para os que amam Nova York, a distinção cristã clássica entre as cidades celestes e as terrenas já não se aplica. Partes especiais da megalópole, estendendo-se aqui embaixo, são unidas da função de representar um ideal celeste secular que, coincidentemente, não difere muito do que Santo Agostinho e outros teriam julgado que seria uma “cidade do pecado”. Lá, todos os nossos desejos se realizam, tal como a ficção e a realidade se fundem numa névoa hollywoodiana.

Eu me pergunto, porém, se é concebível um amor diferente por uma cidade. Não há dúvida de que os habitantes não apreciam sua cidade natal da mesma forma que os turistas. Mesmo

assim, muitos passam a vida inteira sem colocar os pés em alguns bairros estigmatizados da própria cidade onde vivem.

Portanto, se viver numa cidade não é suficiente para amá-la, o que é? Nada menos que uma resistência orquestrada e consciente ante uma visão etérea da cidade como um objeto ideal com a perfeição de uma foto. Somente quando não se é desencorajado pelo contato direto com os subterrâneos escuros da selva urbana se ganhará a honra de um sólido amor pela cidade.

As centenas de milhares de pessoas que se reuniram em Times Square em 31 de dezembro de 2012, para assistir à cerimônia de descida da bola iluminada anunciando a chegada do ano novo, foram atraídas ao local pelo amor pela cidade com sua promessa de estar no centro do mundo. Os poucos que permaneceram após as festividades acabaram observando ruas cheias de lixo e confetes sendo freneticamente varridas por equipes de trabalhadores para os quais o Ano-Novo é apenas mais um dia de trabalho. Será que esses espectadores tiveram a coragem de proclamar, nesse momento, “I ♥ NY”? ❖